



Dia a Dia

E-mail: diaadia@atribuna.com.br

Blog: atribuna.com.br/blogdepolitica

O resgate do Instituto Oceanográfico da USP

Em sua curta permanência em Brasília, a prefeita do Guarujá, Maria Antonieta de Brito (PMDB), esteve sexta-feira na Secretaria de Patrimônio da União para pedir a cessão de uma área na Prainha, em Vicente de Carvalho, para instalação de uma base do Instituto Oceanográfico (IO) da USP. O terreno, à beira-mar, fica atrás do terminal rodoviário do Distrito, ao lado da estação das barcas da Dersa. Um convênio com essa finalidade chegou a ser assinado pelo então prefeito Farid Madi (PDT, 2005-2008) em 2007. Inicialmente, a base ficaria na sede do Município, no local onde acabou sendo construída a terceira gaveta de atracação das balsas, no Ferry-Boat, ano passado.

Nova esperança

Quem perdeu foi a Baixada Santista, que há mais de 20 anos se despediu da única representação que o IO mantinha na região: uma acanhada base de estudos e pesquisas que havia em Santos. Hoje, o IO tem dois núcleos no litoral paulista, em Ubatuba (Norte) e Cananeia (Sul). Resta saber o que a USP pensa a respeito da nova área sugerida agora por Antonieta.

Imbróglio

O cancelamento do projeto no Ferry-Boat mostrou uma briga entre dois órgãos estaduais. A USP, que já se preparava para erguer a base do Instituto Oceanográfico, e a Dersa, que acabou construindo a terceira gaveta de atracação das balsas no terreno em questão.

Perguntar não ofende

Onde foram parar as cadeiras anfíbias que o Governo do Estado distribuiu em algumas cidades da Baixada Santista para permitir, entre outras coisas, o acesso dos deficientes físicos ao mar?



Câmara Municipal de Guarujá

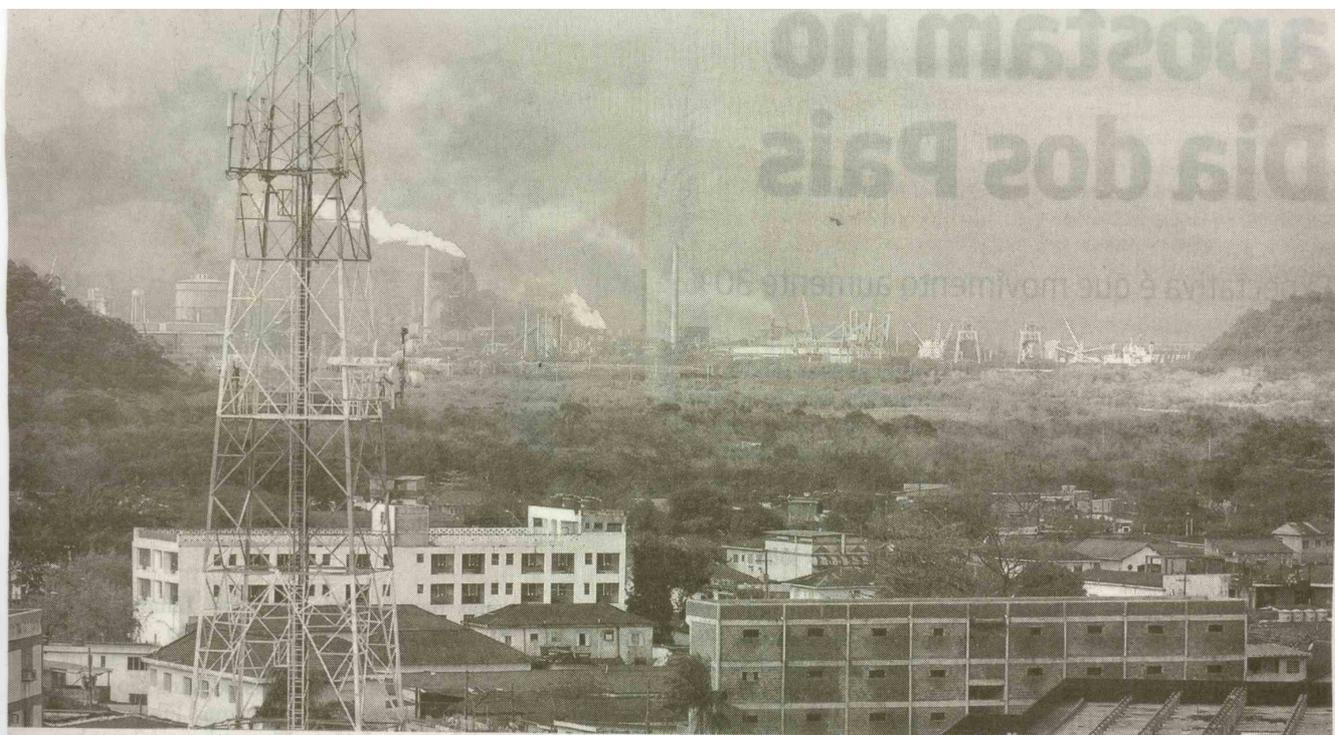
ASSESSORIA DE IMPRENSA

A Tribuna
Domingo, 08 de Agosto de 2010

Poluição ainda traz risco à região

Segundo pesquisa recente, a exposição aos resíduos produzidos no polo industrial em Cubatão é fator causador de graves doenças

Clipping Diário



Conforme a pesquisa, a exposição a poluentes oriundos do Polo Industrial de Cubatão representa uma situação real de risco à saúde das pessoas

Continuação



A Tribuna
Domingo, 08 de Agosto de 2010

SANDRO THADEU

DA REDAÇÃO

Metais tóxicos e compostos organoclorados, oriundos do polo industrial de Cubatão, ainda estão presentes em poeira, solo e água, bem como no sangue de moradores de determinadas regiões de Cubatão, Vicente de Carvalho, em Guarujá, Área Continental de São Vicente e até em Bertioga, local teoricamente seguro, porque não foram ali depositados poluentes irregularmente, no passado.

A exposição a esses resíduos está presente hoje, o que representa uma situação real de risco à saúde das pessoas.

O Estudo Epidemiológico na População Residente na Baixada Santista – Estuário de Santos: Avaliação de Indicadores de Efeito e de Exposição a Contaminantes Ambientais aponta este aspecto como fator determinante para a ocorrência de enfermidades, como leucemia, câncer de mama, doenças respiratórias e hipertensão.

O estudo foi coordenado pelo professor do Grupo de Avaliação de Exposição e Risco Ambiental do Programa de Saúde de Pós-Graduação Coletiva da Universidade Católica de Santos (UniSantos), Alfésio Luís Ferreira Braga.

Foram analisadas quatro regiões contaminadas por atividades industriais e/ou pelo depósito irregular de resíduos em Guarujá, Cubatão e São Vicente – conforme a Cetesb –, além de uma quinta, que não faz parte desse grupo (Bertioga).

No entanto, os dados apontaram que os pontos analisados do último município citado não são tão seguros como se imaginava: mais de 50% das amostras de

que pode haver alterações do desenvolvimento cognitivo, dos sistemas imunológico e reprodutivo, com a ocorrência de tumores.

Esses poluentes se acumulam nos microorganismos, plantas, animais e no homem. Não são eliminados pelo organismo com o tempo. Além disso, são resistentes à degradação química e biológica, afetando ecossistemas e a saúde humana, mesmo em pequenas concentrações.

CHUMBO

As amostras de cádmio na poeira domiciliar ultrapassaram o padrão de qualidade do solo, de prevenção e de intervenção domiciliar nas cinco regiões. Também foram encontradas concentrações dessa substância acima dos limites estabelecidos pelo Ministério da Saúde e do Conselho Nacional de Meio Ambiente nas águas da região estuarina.

Esse material, utilizado na produção de baterias, tintas, plásticos, pesticidas e adubos industriais, pode provocar dano aos sistemas nervoso e imunológico, distúrbios psicológicos, além de câncer de próstata.

Os pesquisadores identificaram ainda alta concentração de chumbo na poeira, que ultrapassa o padrão de qualidade do solo em todas as áreas estudadas. O metal é um dos que mais causam danos à saúde.

Em Bertioga, Vicente de Carvalho e Centro de Cubatão, as médias ultrapassam os valores de prevenção. Conforme o relatório da pesquisa, “Bertioga não pode ser adotada como área controle para contaminação ambiental por metais”.

Continuação



sangue dos moradores apresentaram níveis de mercúrio acima do limite de tolerância.

“Essa substância é oriunda de resíduos do polo de Cubatão deixadas em aterros sanitários clandestinos ou de terras contaminadas utilizadas para aterrar essas áreas. Além disso, muitos processos industriais ainda emitem vapor de mercúrio, o que contribui para essa contaminação”, ressaltou.

LEITE MATERNO

Ao conferir amostras de leite materno colhidas de mulheres do Pae Cará, em Vicente de Carvalho, e no Parque das Bandeiras, em São Vicente, foi possível notar que o índice de pesticidas organoclorados, principalmente hexaclorobenzeno (HCB) – conhecida como a molécula da morte – foi superior ao limite aceitável.

Durante a amamentação, elas são transmitidas aos bebês. A Organização Mundial da Saúde (OMS) sugere que o desenvolvimento dessas crianças deve ser monitorado, por-

CÂNCER

A pesquisa identificou ainda que Cubatão e Vicente de Carvalho apresentaram coeficientes de mortalidade por câncer de mama bem acima dos observados nas demais localidades analisadas e no Estado.

A identificação de casos de leucemia também é superior à média paulista. Conforme o estudo, os resultados “indicam uma característica da região que propicia a ocorrência de tumores com frequência elevada”.

O câncer é o segundo fator mais comum de óbitos na Baixada, perdendo apenas para as doenças do sistema circulatório. A exposição a metais pesados e pesticidas organoclorados oriundos do polo industrial de Cubatão podem ser um dos principais responsáveis pelo surgimento da doença.

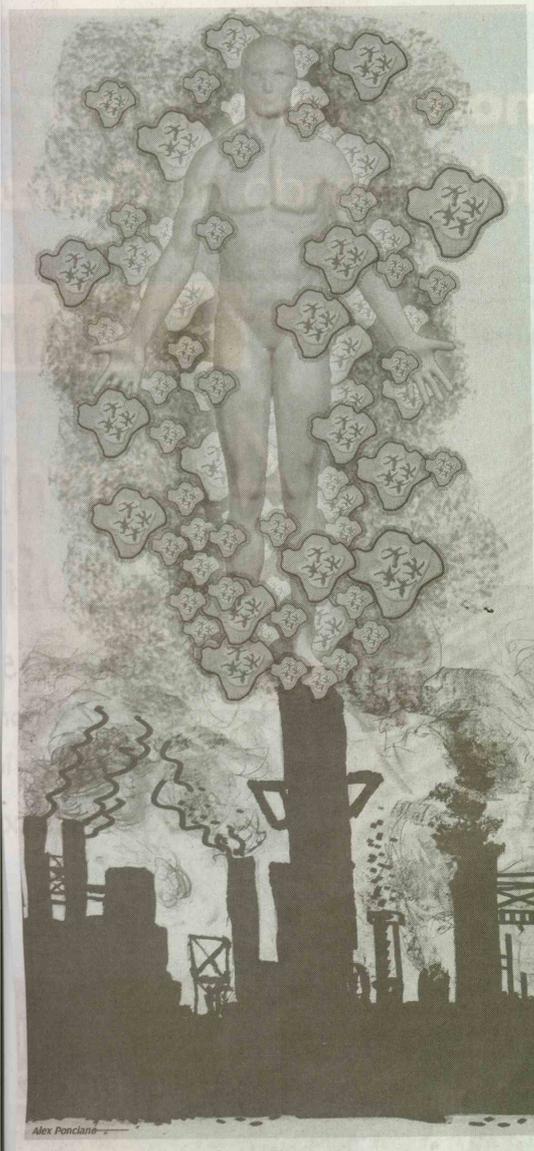
“Não há discordância entre os resultados de estudos anteriores. Realmente existe uma série de doenças e tipos de câncer que tem coeficientes maiores aqui. Isso não é de hoje”, firmou Braga.

Continuação



A Tribuna
Domingo, 08 de Agosto de 2010

Organismo ameaçado



As regiões estudadas

Quatro comunidades foram incluídas no estudo por estar localizadas próximas ou sobre depósitos irregulares de substâncias tóxicas originadas no polo industrial de Cubatão e Guarujá, e, portanto, potencialmente expostas aos contaminantes e a área de controle em Bertioga. São elas:

■ Área 1: Pliões e Água Fria, em Cubatão

■ Área 2: Cubatão Centro (V. Esperança, Jd. São Marcos, Mantiquei-

ra, Jd. Nova República, Costa Muniz, Vila Natal e Centro)

■ Área 3: São Vicente Continental (Humaitá, Pq. Continental, Quarentenário, Jd. Rio Branco, Pq. das Bandeiras e Gleba II)

■ Área 4: Vicente de Carvalho, em Guarujá (Pae Cará e Sítio Conceiçãozinha)

■ Área 5: Bertioga (Jd. Vicente de Carvalho I e II, Jd. Albatroz II, Chacara Vista Linda, Projeto Condomínio Social, Jd. Rio da Praia, Jd. Indaiá 2ª Gleba e Jd. Ana Paula)

Outras doenças em foco



Alfésio Luís Ferreira Braga coordenou o trabalho de pesquisa

■ A pesquisa aponta que o contato contínuo com resíduos industriais no Estuário de Santos oferece risco a outras enfermidades além do câncer.

Conforme a pesquisa, a incidência de hipertensos entre os moradores do Centro de Cubatão (25,4%) é maior do que a prevalência estimada da população adulta brasileira (20%).

O índice de habitantes com problemas respiratórios também é alto na mesma região (20,7%), Área Continental de

São Vicente (19,9%) e distrito de Vicente de Carvalho (19,5%). Os números são superiores aos dos moradores da Grande São Paulo (em torno de 15%), segundo a Sociedade Paulista de Pneumologia e Tisiologia.

“É provável que esses números sejam resultado da exposição crônica de décadas das pessoas que estão ou vivem em áreas próximas contaminadas”, disse o coordenador do trabalho, Alfésio Luís Ferreira Braga.

Continuação



A Tribuna
Domingo, 08 de Agosto de 2010

Futuro

>>Parceiros

Além da UniSantos, o estudo acadêmico teve a participação de professores e colaboradores de outras quatro instituições: Núcleo de Estudos em Epidemiologia Ambiental, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP); Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (Cedec); e Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (Ipen).

Radiação

>>Urânio e radônio

Os níveis de radiação por urânio e radônio encontrados em residências localizadas em áreas anteriormente ocupadas por mangue, evidenciam a presença de resíduos contaminados por material não encontrados nas referidas localidades. Tais elementos podem contribuir para a ocorrência de eventos adversos, como câncer de pulmão e do sistema digestivo

>>Amianto

Dois terços dos domicílios pesquisados estão potencialmente

expostos ao amianto, material utilizado nos telhados e nas caixas d'água

>>Fornecimento de água

Um dos problemas constatados foi a falta de abastecimento de água, principalmente no verão. Quando o fornecimento é interrompido, o sistema do cano fica com pressão negativa e puxa o que está em volta dele. Se a tubulação passa por uma área contaminada, o material é levado para as casas e contamina facilmente as pessoas. Durante a pesquisa em campos, foram observados vários canos passando

por dentro do esgoto, principalmente no Quarentenário

>>Alimentos

O consumo é baixo de verduras, legumes, frutas, leite, ovos, frango, porcos e carne bovina produzidos em cada uma das áreas estudadas. Por outro lado, 37,4% dos moradores de São Vicente disseram se alimentar de moluscos e crustáceos e 16,3% dos habitantes de Bertioga comem os peixes do entorno. O resultado mostra que "nas comunidades expostas aos contaminantes presentes existe uma rota de contaminação presente e completa"

Estudo foi solicitado pelo Ministério Público Federal

■ O estudo coordenado pelo professor da UniSantos surgiu a partir de uma solicitação do Ministério Público Federal (MPF) por meio do procurador da República em Santos Antonio José Donizetti Molina Daloia ao Ministério da Saúde.

O pedido foi feito em razão de informações técnicas e de notícias de uma maior incidência de certas doenças na Baixada Santista do que em outras regiões, devido à poluição ambiental.

Então, o Governo Federal determinou a elaboração desse estudo epidemiológico, financiado pelo CNPq. Conforme Daloia, os dados estão sendo avaliados por um analista pericial em Engenharia Sanitária. Após essa etapa, será possível

orientar providências mais específicas a serem adotadas.

"Os órgãos de saúde pública e ambientais da União, Estado e municípios envolvidos devem, dentro de suas competências e também de forma articulada, adotar as medidas necessárias para, além de identificar e remediar as áreas contaminadas, proteger e tratar a saúde da população dessas áreas", explicou ele por meio de nota enviada para A Tribuna.

O procurador informou que o MPF sempre defendeu uma forte fiscalização ambiental para reprimir e, principalmente, evitar novos danos ambientais decorrentes da poluição, fato que reflete diretamente na saúde da sociedade.



Estudo foi solicitado pelo Ministério Público Federal

■ ■ ■ O estudo coordenado pelo professor da UniSantos surgiu a partir de uma solicitação do Ministério Público Federal (MPF) por meio do procurador da República em Santos Antonio José Donizetti Molina Daloia ao Ministério da Saúde.

O pedido foi feito em razão de informações técnicas e de notícias de uma maior incidência de certas doenças na Baixada Santista do que em outras regiões, devido à poluição ambiental.

Então, o Governo Federal determinou a elaboração desse estudo epidemiológico, financiado pelo CNPq. Conforme Daloia, os dados estão sendo avaliados por um analista pericial em Engenharia Sanitária. Após essa etapa, será possível

orientar providências mais específicas a serem adotadas.

“Os órgãos de saúde pública e ambientais da União, Estado e municípios envolvidos devem, dentro de suas competências e também de forma articulada, adotar as medidas necessárias para, além de identificar e remediar as áreas contaminadas, proteger e tratar a saúde da população dessas áreas”, explicou ele por meio de nota enviada para A Tribuna.

O procurador informou que o MPF sempre defendeu uma forte fiscalização ambiental para reprimir e, principalmente, evitar novos danos ambientais decorrentes da poluição, fato que reflete diretamente na saúde da sociedade.